

**NOTAÇÕES FONÉTICO-EVOLUTIVAS
EM TRECHOS DA "REGRA DE S. BENTO"**

Miguél Eugenio Almeida (UEMS)

miguel@uems.br

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

No excerto da *Regra de S. Bento*, trabalhamos com um *corpus* de quarenta (40) palavras da sua parte inicial (*Começa-se o prologo da regla de San Beento Abbade*). O mesmo foi transcrito diplomaticamente por Bueno (1941, p. 48-52), da “Collecção de Inéditos portuguêses dos séculos XIV e XV”, pub. por Fr. F. de S. Soaventura, t. I, p. 249-253. Destarte, verificamos as mudanças fonéticas compreendidas entre o período latino e o período inicial do português-arcaico.

A seleção dessas formas ocorrentes representa as mudanças fonéticas significativas à análise diacrônica desse excerto. Buscamos, todavia, o apoio teórico principalmente nas seguintes obras dos autores: *Gramática Histórica* (1976), de Ismael de Lima Coutinho; *Vocabulário Histórico-Cronológico do Português Medieval* (2006), de Antônio Geraldo da Cunha; *Dicionário Etimológico Nova Fronteira da Língua Portuguesa* (1982), de Antônio Geraldo da Cunha; *Introdução ao Estudo da Filologia Portuguesa* (1956), de Serafim da Silva Neto, entre outros. Assim, fizemos um estudo diacrônico-fonético nesse período compreendido, pontuando os metaplasmos ocorridos nesse excerto. Para tanto, apontamos, na sequência, alguns elementos históricos contextuais da produção do documento.

1. Momento histórico

Esse excerto faz-nos retornar ao passado medieval e, em certa medida, apresenta-nos algumas evidências culturais marcantes, registradas pela língua portuguesa. Verificamos nele o motivo teológico que pede ao espírito do noviço a renúncia aos apelos da carne para a formação beneditina, a fim de aproximação máxima com o *Sagrado*; pois este “[...] representa o valor supremo ao qual se subordinam todos os outros valores.” (MONDIN, 1980, p. 243). Atingir a plenitude

Cadernos do CNLF, Vol. XIII, Nº 04

suprema da espiritualidade é a meta de todo cristão; e, de modo especial, do monge beneditino à medida que renuncia aos valores profanos.

Mais precisamente, os beneditinos chegaram a Portugal no século X (1085-95). Com a alteração do sistema visigótico da organização da família e da propriedade rural, houve a dissociação e a desavença das comunidades. Nesse ínterim, no ano de 1567, a ordem beneditina portuguesa é fundada. A partir de 1581, muitos mosteiros foram criados e diversas atividades foram desenvolvidas por eles (FLORES, 1996, p. 79).

A Igreja Católica, por meio de suas congregações sacerdotais e religiosas, contribuiu sobremaneira para a expansão do uso do latim e para a formação das línguas neolatinas, devido ao seu papel missionário de evangelização dos povos, principalmente. Entretanto, fazia-se necessário um contingente numeroso de sacerdotes e religiosos para atender a demanda missionária. Diante desse quadro, há uma quantidade significativa de documentos históricos que traduzem as atividades religiosas no mundo.

A relação da Igreja com o Estado era bastante amistosa, dado a anuência do papa ao imperador português para que esse pudesse organizar a Igreja nas regiões colonizadas, denominada de “direito de padroado”, ou seja,

A organização da Igreja no Brasil entre 1550 – 1800 era em grande parte controlada pelo Padroado, uma prerrogativa da Coroa portuguesa baseada no fato de o rei ser grão-mestre de três tradicionais ordens militares e religiosas de Portugal: a de Cristo (a mais importante), a de São Tiago da Espada e de São Bento, a partir de 1551. (HOORNAERT, 1982, p. 12).

Dessa forma, a Igreja servia aos seus propósitos missionários e aos propósitos da Coroa portuguesa para garantir a soberania das Colônias.

2. Metaplasmos ocorrentes

A seguir, apresentamos o excerto transcrito diplomaticamente e, em seguida, temos a análise do *Corpus*, descrevendo as respectivas ocorrências.

Cadernos do CNLF, Vol. XIII, N° 04

2.1. Trechos da “Regra de S. Bento”

Começa-se o prologo da regla de San Beento Abbade

Filho, ascuyta os preceptos do meestre, e inclina a orelha do teu coração, e recibe de boamente o amoestamento do Padre piadoso, e afficadamente o comple, porque te tornes per trabalho de obediência aaqueel do qual te partiste per priguíça de desobediencia. Poys por esto a ty hora eu digo o meu sermom, quem quer que tu es, que queres renunciar os proprios deleytes e plazerres da carne, e deste mundo, e tomas armas de obediencia muy fortes, e nobres pera servir a Jesu Christo Senhor, e verdadeiro Rey. E primeiramente roga a el em tua oraçom muyto afficadamente, que querra cumprir qualquer cousa de ben, que começa a fazer, que poys que el ja teve por ben de nos poer e receber em no conto dos seus filhos, nom se haja de contristar em alguñ tempo dos nossos maaos feytos. E assy certamente lhe devemos seer obedientes en todo tempo por los beës, que del recebemos, que nom tam solamente, assy como Padre irado non desexerde os filhos en alguñ tempo, mas ainda que nen assy como Senhor temeroso, e movido a sanha por los nossos peccados dê a pena, e alcance en tormento pera sempre os muy maaos servos, que o non quizeron seguir pera ir aa sua gloria.

1. rēgūla > regla XIII (subtítulo). Ocorreu síncope da vogal posterior alta /u/.
2. sanctus > san XIII (subtítulo). Inicialmente temos a síncope da consoante velar-surda “c” (/k/) e, em seguida, a apócope dos fonemas /t;U/.
3. benedictus > beento XIII (subtítulo). Observamos as seguintes ocorrências: síncofes da consoante linguodental sonora /d/, da vogal anterior alta /i/ e da consoante velar-surda /k/; e, em outro momento, temos a apócope da consoante vibrante-surda /s/, encerrando com a hipótese da consoante linguodental /n/. A duplicação da vogal “ee” mostra-nos a sílaba tônica (COUTINHO, 1976, p. 73).
4. abbâtem > abbade XIII (subtítulo). Há sonorização do fonema surdo intervocálico linguodental /t/ ~ /d/; e, em outro momento, há apócope do fonema bilabial-nasal /m/. Assim, permanece etimologicamente a bilabial-sonora dobrada, geminada.
5. a(u)scūlat > ascuyta XIV (linha 01). Nesse caso, a síncope do fonema lateral /l/ levou a vocalização que o transforma em vogal alta anterior /i/. Ainda, percebemos a síncope do fonema linguodental-surdo /t/. Nesse período fonético, encontramos facilmente o uso do grafema “y” para representar a vogal alta anterior /i/ (COUTINHO, *op. cit.*, p. 72).
6. praeceptum > precepto/ preceptos XIV (linha 01). Em princípio, houve a assimilação da vogal central /a/ pela vogal média anterior /e/. Na sequência, ocorreu a desnasalização e a dissimilação do fonema vocálico alto posterior /u/ pelo fonema posterior médio /o/ final, na escrita.

Cadernos do CNLF, Vol. XIII, N° 04

7. magister > mestre XIII (linha 01). Houve ocorrência da síncope intervocálica da consoante velar sonora /g/. Em seguida, temos a assimilação da vogal baixa /a/ pela vogal média anterior /e/ e dissimilação da vogal alta anterior /i/ pela vogal média anterior /e/; e, finalmente, observamos a metátese da consoante vibrante simples /r/. Assim, a consoante medial /g/ cai ocorrendo a transformação de duas vogais iguais pelo processo de assimilação e dissimilação.
8. cor > coração XIII (linha 01). De acordo com o lexicógrafo da língua portuguesa, *-çom* representa “[...] uma terminação que talvez se possa explicar por um suf. aumentativo de reforço (Cp. cast. *corazón*)” (CUNHA, 1982, p. 216a).
9. rēçipo > recibo/ recebe XIII (linha 02). Temos, em princípio, uma dissimilação da vogal anterior alta /i/ pela vogal anterior média /e/. E no prosseguimento, vemos a sonorização da consoante surda bilabial /p/ pela sonora bilabial /b/. Portanto, na evolução do latim para o português, verificamos a transformação das consoantes surdas intervocálicas em homorgânicas sonoras correspondentes, no caso: -p- > -b-. (SILVA NETO, 1956, p. 106).
10. *admonesto > amonestamento XIV (linha 02). Verificamos, inicialmente, a síncope das consoantes linguodental sonora /d/ e linguodental nasal /n/. Em seguida, percebemos o acréscimo do sufixo “-mento”.
11. patre (L.V.) > padre XIII (linha 02). Ocorre, na seqüência, a síncope da consoante linguodental surda /t/ e, no mesmo ponto da cadeia fônica, a epêntese da consoante linguodental sonora /d/.
12. pius, -a, -um > piadoso XIII (linha 02). Ocorreu o acréscimo do sufixo “-doso”.
13. effiçãcia > afficadamente XV (linha 02). Em princípio, verificamos a dissimilação da vogal média anterior /e/ para a vogal baixa /a/. A seguir, temos a apócope dos três últimos fonemas finais, que são substituídos pelo sufixo adverbial “-mente” e por uma vogal de ligação e consoante linguodental sonora /d/.
14. complēre; complet > cumprir XV (linha 08); comple XV (linha 13). Na primeira forma verbal, a vogal alta anterior /i/ assimila a vogal baixa anterior /e/; e na segunda forma verbal, ocorre apócope da consoante linguodental surda /t/. Diante da ocorrência da assimilação, diz-nos o filólogo: “[Ela] é o fenômeno fonético pelo qual um som influi em outro, fazendo que este se torne igual a ele (assimilação completa) ou receba alguma de suas qualidades (assimilação parcial)” (SILVA NETO, *op. cit.*, p.117).
15. por (LV) > per XIII (linha 03). Há uma troca de vogal média posterior /o/ pela vogal média anterior /e/.
16. eccu illu > aquele (contração da preposição mais pronome) XIII. Há uma dissimilação da vogal alta anterior /i/ por uma vogal baixa /a/. A dissimi-

Cadernos do CNLF, Vol. XIII, N° 04

lação, no caso, ocorre pela eliminação dos sons idênticos (*Id., ibid.*, p.119). Assim: em *eccu ille*, os fonemas /e, i/ são idênticos; logo, a diferenciação ocorre pela substituição de fonema de outro campo fonético.

17. pigritiā > priguīça XIV (linha 04). Ocorre hipótese da consoante vibrante simples /r/. Em outro momento, temos a epêntese vocálica /u/ e síncope da linguodental surda /t/, que no latim clássico, quando apresenta-se intervocálico, pronuncia-se como /ts/. Assim, na passagem para o português arcaico, ocorre a sibilização pela epêntese da consoante sibilante /s/; vejamos: -t- > -ç-. E no final, verificamos a monotongação (-ya > -a).
18. *posti/ post > XIII (linha 04). No caso, estamos diante da ditongação seguida de apócope: -o- > -oy-. Observamos, ainda, que a vogal “i” está representada por “y” (COUTINHO, *op. cit.*, p. 72).
19. ĭste > esto XIII (linha 04). Houve dissimilação da vogal alta anterior /i/ para a vogal média anterior /e/.
20. tibi (L.C.) > tī (forma cortada) > ty XIV (linha 04). Tivemos uma sucessão evolutiva, no período latino, de duas apócopes.
21. sermonis > sermom XV (linha 04). Também verificamos a sucessão de três apócopes /n, i, s/, nasalando, em seguida, a vogal média posterior /o/.
22. placēre > plazeris XIV (linha 05). Ressaltamos aqui a sonorização da consoante surda intervocálica, ou seja, há troca do “-c-” pelo “-z-”. A este fato, reportamo-nos explicando na ocorrência nº 09.
23. multus > muy XIII (linha 06); muyto XIII (linha 08). A forma latina *multus* quando passa para o português arcaico, assume as formas *muy* e *muyto*. Com relação a primeira ocorrência arcaica, observamos a sucessão de três apócopes finalizando com uma vocalização (-y). A respeito do uso da vogal “i”, já nos reportemos na ocorrência nº18. A segunda forma (muyto) apresenta a seguinte mudança com relação a forma latina: síncope da lateral dental alveolar /l/, seguida de vocalização /-y-/, finalizando com a apócope da sibilante surda /s/. Não consideramos expressiva a dissimilação da vogal alta posterior /u/ pela vogal média posterior /o/, onde a pronúncia átona final é neutralizada pelo arquifonema /U/.
24. per ad > pera XIV (linha 06). Na passagem do latim para o português arcaico, verificamos a aglutinação das preposições, seguida da apócope da linguodental sonora /d/.
25. orātīōnis > oraçom XIV (linha 08). Percebemos, no caso, a mesma mudança da ocorrência nº 17 com relação a consoante intervocálica latina “-t-”. Já com relação aos três fonemas finais latinos, fazemos a mesma descrição na ocorrência nº 21.
26. quarate > querra XV (linha 08). Inicialmente, ocorreram, na passagem da forma latina para a forma do português arcaico, as síncopes: queda da vogal baixa /a/ e da consoante vibrante simples /r/ e, em seguida, houve

Cadernos do CNLF, Vol. XIII, N° 04

epêntese da vibrante múltipla /□/, finalizando com a apócope da linguo-dental surda /t/.

27. ille; illos; illa; de + illu > el XIII (linha 07, 09); los XIII (linha 12, 14); aa (prep.) XIII (linha 16); del XIII (linha 12). As formas latinas *illu*, *illa*, *illos* e *illas* (pronomes demonstrativos) formaram o artigo no português arcaico, da seguinte maneira: *illu* > *elo* > *lo*; *illa* > *ela* > *la*; *illos* > *elos* > *los*; *illas* > *elas* > *las* (COUTINHO, *op. cit.*, p. 251). Quanto a forma *el*, explica-nos o filólogo:

Em *el-rei*, provavelmente o artigo está apocopado. Antenor Nascentes assim explica esta apócope: ‘a rapidez com que os arautos da corte deviam pronunciar a expressão **elo rei* ao anunciarem a presença do soberano, acarretou a apócope do –o final do artigo, criando-se então a locução esterotipada *el-rei*.’ (*Id.*, *ibid.*, p. 251-252).

Assim, verificamos que há uma sucessão de mudanças fonéticas: 1. dissimilação da vogal alta anterior /i/ para a vogal média anterior /e/; 2. desfazem-se as consoantes geminadas “-ll-”; 3. aférese da vogal média anterior /e/.

Obs.: a forma “aa”, no caso, compreende o grupo das vogais idênticas que representam as formas atuais do português moderno, ou seja: a (prep.) + a (artigo). A forma *del*, do português arcaico, é o resultado da contração da preposição latina *de* + o pronome latino *illu*, que apresenta as seguintes ocorrências: 1. aférese da vogal alta anterior /i/; 2. desfaz-se as geminadas laterais dental alveolares “ll”; 3. apócope da vogal alta posterior /u/.

28. pōnēre > poer XIII (linha 09). Há síncope da nasal dental alveolar /n/, seguida da apócope da vogal média anterior /e/.
29. non > nom XIV (linha 10). Praticamente não há variação do ponto de vista fonético, porque a nasalidade se mantém quer pelo fonema nasal, quer pelo sinal de nasalidade.
30. *alīcūnus (< alīquis + unus) > alguū XIII (linha 13). Vislumbramos a síncope da vogal alta anterior /i/, seguida da sonorização da surda velar /k/ intervocálica. Após, temos a síncope da nasal dental alveolar /n/ que, a apócope da consoante sibilante surda /s/.
31. malos > maaos XIII (linha 15). Aqui percebemos a síncope da lateral alveolar /l/ e vocalização com a vogal baixa /a/.
32. factum > feytos XIII (linha 11). Ocorre a vocalização da consoante velar “c” = /k/ pela vogal alta anterior /y/ que, em seguida, assimila a vogal baixa /a/ pela vogal média anterior /e/. Há, ainda, a dissimilação leve da vogal média posterior /o/; e finalmente, temos a apócope da nasal bilabial /m/, seguida de epítese da sibilante surda /s/.
33. ad sic > assy XIII (linha 14). Na passagem do latim para o português arcaico, a preposição latina *ad* e o advérbio latino *sic* agrupam-se para dar

Cadernos do CNLF, Vol. XIII, N° 04

a forma *assy*; porém ocorrem as seguintes mudanças fonéticas: a consoante sibilante surda /s/ assimila a consoante linguodental sonora /d/, ou seja, a representação do som pela letra “d” igualou-se ao “s” (SILVA NETO, *op. cit.*, p. 117).

34. *sēdēre*; *bēne* > *seer* XIII (linha 11); *beēs* XIV (linha 12). No caso da primeira ocorrência, estamos diante de uma síncope das sonoras intervocálicas, seguida de uma apócope vocálica. De forma similar, na segunda ocorrência, temos o seguinte: síncope da nasal deixando resquícios da nasalidade para a vogal média anterior /e/ subsequente.
35. *tantus* > *tam* (adv.) XIV (linha 12). Destarte, verificamos a seqüência de três apóopes; mudando apenas a forma de representar o sinal diacrítico de nasalidade.
36. *solum* > *solamente* XIII (linha 12). Percebemos duas mudanças pertinentes: 1. dissimilação da vogal alta anterior /i/ pela vogal baixa /a/; 2. acréscimo do sufixo “-ente”.
37. *disertāre* > *desexerde* XIV (linha 13). Ocorrências: 1. dissimilação leve da vogal alta anterior /i/ pela vogal média anterior /e/; 2. síncope da vibrante simples /r/, seguida da epêntese da palatal surda “x” = /ʃ/; 3. síncope da linguodental surda /t/; 4. troca da vogal baixa central /a/ pela vogal anterior /e/.
38. *insānia* > *sanha* XIV (linha 14). Apresentamos as seguintes ocorrências: 1. aférese da vogal alta anterior nasal /i/; 2. síncope da nasal dental alveolar /n/; 3. e, em seguida, síncope da vogal alta anterior /i/, que provoca a palatização com a palatal nasal /ñ/.
39. *peccātum* > *peccados* XIII (linha 14). Eis as mudanças fonéticas: 1. sonorização da surda intervocálica “-t-”; 2. desnasalação e leve dissimilação, como já havíamos descrito na ocorrência nº 23.
40. *poena* > *pena* XIV (linha 15). Ocorreu uma (01) ocorrência de transformação fonética: talvez a opção pela pronúncia da vogal média anterior seja mais cômoda com relação a pronúncia da vogal média posterior /o/, levando a síncope desta.

3. Considerações finais

À medida que voltamos ao passado da língua portuguesa, estamos buscando principalmente os elementos internos, evidenciados pelas mudanças fonéticas feitas pelos falantes da primeira fase do português arcaico. Assim, observamos que essas mudanças percorreram uma trajetória orientada pelas tendências gerais das transformações fonéticas, inscritas no contexto medieval da História.

Cadernos do CNLF, Vol. XIII, Nº 04

Neste excerto, percebemos as ocorrências das mudanças fonéticas, deste modo: supressão, acréscimo, deslocamento e transformação de fonemas. Isto mostra-nos a mudança da língua, tornando viva pela atualização mediante o uso dos seus falantes.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BUENO, S. *Antologia Arcaica: Trechos em prosa e em verso, coligidos em obras do século VIII ao século XVI*. São Paulo: Saraiva & Cia., 1941.

COUTINHO, I. L. *Pontos de gramática histórica*. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 1976.

CUNHA, A. G. *Vocabulário histórico-cronológico do português medieval*. Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 2006.

_____. *Dicionário etimológico Nova Fronteira da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1982.

FLORES, M. *Dicionário de história do Brasil*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1996.

HOORNAERT, E. *A igreja no Brasil-Colônia (1550 – 1800)*. São Paulo: Brasiliense, 1982.

MONDIN, B. *O homem: quem é ele? Elementos de antropologia filosófica*. Tradução: R. L. Ferreira e M. A. S. Ferrari. São Paulo: Paulinas, 1980.

SILVA NETO, S. *Introdução ao estudo da filologia portuguesa*. São Paulo: Cia. Ed. Nacional, 1956.